

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO**

Diplomacia Cultural e a Interculturalidade

MARINA LEAL BRITO

**SÃO PAULO
Abril / 2017**

DIPLOMACIA CULTURAL E INTERCULTURALIDADE¹

Marina Leal Brito²

RESUMO

A partir de um mapeamento dos centros culturais estrangeiros atuantes em São Paulo, este artigo busca entender o papel destes espaços na produção cultural da cidade, analisando como se relacionam com a população local, o poder público e as organizações privadas, e estudando-os como ferramentas da Diplomacia Cultural e seu papel na promoção da interculturalidade.

Palavras-chave: Diplomacia Cultural; Interculturalidade; Estudos Culturais.

ABSTRACT

Based on a mapping of foreign cultural centers in São Paulo, this article seeks to understand the role of these spaces in the cultural production of the city, analyzing how they relate to the local population, government and private organizations, and their role in Cultural Diplomacy and promotion of the interculturality.

Key words: Cultural Diplomacy; Interculturality; Cultural Studies.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Eventos

² Graduada em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP)

Introdução

Ao estudar o campo cultural de uma cidade, é comum realizar uma análise da atuação dos principais agentes culturais locais, quase sempre divididos entre agentes públicos (secretarias de cultura municipais e estaduais, centros culturais e organizações públicas, entre outros), agentes privados (organizações privadas, empresas de produção cultural, institutos e centros culturais particulares etc) e agentes da esfera civil (produtores culturais independentes, coletivos, centros culturais populares, organizações do terceiro setor etc).

No entanto, São Paulo, como maior cidade do país, possui uma outra categoria de agentes culturais que atuam diretamente em seu território, mas que são muito pouco estudados: os centros culturais de embaixadas, consulados e câmaras de comércio e os institutos culturais estrangeiros que, em nome dos seus respectivos governos, mantêm programas culturais com o objetivo de promover e divulgar suas respectivas culturas nacionais.

Essas organizações são responsáveis pela elaboração de seus próprios programas culturais, seguindo planos mais abrangentes estabelecidos pelos Ministérios e representações de seus países de origem e atuando em nome deles. Ao analisar o Instituto Cervantes, percebe-se que ele não é apenas um instituto cultural que atua de forma independente em São Paulo, mas uma organização cultural mantida e patrocinada pelo Governo Espanhol, e atuando diretamente em prol dos objetivos de sua diplomacia cultural.

Isso significa que temos um grande número de agentes estrangeiros atuando no campo da cultura paulistana com bastante independência e autonomia, impactando diretamente a população com suas ações culturais. No entanto, esses agentes não são contemplados em nenhuma das categorias comumente estudadas no campo cultural, já que não são organizações públicas, nem privadas e nem civis.

Percebemos assim que, para entender o campo cultural de uma cidade tão multicultural como São Paulo, se faz necessário analisar como esses agentes atuam, como suas ações culturais impactam a população, quais suas relações dentro do setor cultural, à quem são subordinados e quais são os seus propósitos.

1. O papel da cultura nas Relações Internacionais

Desde a Segunda Guerra Mundial, a cultura vem assumindo uma posição cada vez mais central no relacionamento entre as nações, tanto para a ampliação do poder simbólico quanto para gestão e prevenção de crises internacionais. Segundo Edgar Montiel,

(...) em um contexto de multiculturalismo vibrante e ampliação do poder simbólico, manifestações culturais formam um grupo de práticas cada vez mais influente nas relações internacionais, em primeiro lugar incluída entre as prioridades da agenda internacional, a "gestão" adequada pode evitar conflitos graves e constituem mais um recurso estratégico para governação global, cooperação e desenvolvimento (2009)

Ainda seguindo esta linha de raciocínio, Montiel aborda a cultura como parte do que chama de poder intangível dentro das relações internacionais. Este tipo de poder é visto como a capacidade de uma nação de persuadir outras nações ou organizações supranacionais por meio da atração e da convicção de que os valores que transmitem como um país os tornam um modelo cultural ou, mais precisamente, um modelo social bem aceito.

Diferentemente de outros tipos de poder, como o coercitivo, que é controlado por um Estado e necessita de um braço armado para ser praticado, os recursos intangíveis podem ser exercidos tanto por membros da sociedade civil quanto por organizações de diferentes naturezas, como ONGs, universidades e produtores culturais diversos.

Não podemos nos limitar apenas às organizações, já que muitas personalidades, artistas e produtores renomados acabam assumindo a posição de mediadores culturais fora das fronteiras de seus países de origem, como é o caso de diretores de cinema, atores e atrizes, poetas, escritores, chefs de cozinha, entre muitos outros.

Embora todos esses agentes sejam parte da construção do poder simbólico ou intangível de uma nação, neste artigo busca-se focar no conceito de diplomacia cultural, que é a ação orientada e planejada das nações para impactar outros países por meio de suas ações culturais.

1.1 Diplomacia Cultural

A diplomacia cultural é um mecanismo de relacionamento entre países que tem o objetivo de estreitar suas relações e facilitar a cooperação mútua. Ela é utilizada tanto para possibilitar uma troca cultural entre nações, quanto para apoiar objetivos políticos e econômicos dos seus governos e, por isso, tem papel fundamental nas estratégias de política externa e de relações diplomáticas.

Milton Cummings (2003), citado por Said Saddiki (2009), define a diplomacia cultural como sendo:

A troca de ideias, informação, arte e outros aspectos culturais entre as nações e seus povos para promover a compreensão mútua. Assim, a diplomacia cultural não significa apenas a transmissão e difusão da cultura e dos valores nacionais. É importante ouvir as outras nações do mundo, compreender o seu próprio modo de vida e procurar um terreno cultural comum para partilhar com eles. Diplomacia cultural não deve ser baseada unicamente em contar a nossa história ao mundo, o seu sucesso depende do diálogo intercultural e respeito mútuo. (2003)

Em geral, a diplomacia cultural é organizada por meio de um consulado, ou um instituto responsável pela promoção e criação de projetos culturais. No entanto, o relacionamento entre o órgão de diplomacia cultural e o país onde reside podem criar ações culturais bilaterais e pensadas em conjunto. Pode-se citar como exemplo o Ano do Brasil na França, que aconteceu em 2005, e o Ano da França no Brasil, ocorrido em 2009, duas iniciativas com organização conjunta dos governos francês e brasileiro e que tinham como objetivo aprofundar as relações culturais, acadêmicas e científicas entre os dois países.

Ruy Pacheco de Azevedo Amaral realizou um estudo com enfoque no Ano do Brasil na França analisando a iniciativa do governo brasileiro. Em sua análise, Amaral observa que

A disposição do Governo brasileiro de co-patrocinar iniciativa de tal envergadura é demonstração de que amadurece, no Brasil, a noção da importância da difusão cultural como instrumento valioso para ampliar a presença do País no cenário internacional. Ganha atualidade, num mundo que enfrenta as inquietudes nascidas da globalização e os riscos de uniformização cultural. (2008)

Dessa forma, pode-se entender que a diplomacia cultural também está dentro do que é denominado de Relações Públicas Internacionais, a partir das quais os países procuram construir e projetar suas identidades nacionais no exterior por meio de ações culturais pensadas para públicos de interesse de seus respectivos consulados e embaixadas, representantes diretos dos governos estrangeiros.

Essa projeção é significativa também para a promoção do chamado turismo cultural. Sendo o turismo uma indústria que possui considerável participação no Produto Interno Bruto (PIB) dos países, a diplomacia cultural também é utilizada como uma ferramenta para estimular demandas geradas pelo desejo de turismo.

A partir disso, pode-se inferir que a diplomacia cultural é importante não apenas do ponto de vista econômico, criando e fortalecendo relações que abram portas para investimentos estrangeiros, aumento da demanda de turistas e crescimento de mercados externos, mas também do ponto de vista institucional, como promoção da imagem e poder político desses governos. E a influência cultural é uma eficaz ferramenta para atingir todos os objetivos acima.

1.2 Os tipos de diplomacia cultural existentes

Existem três modelos básicos de organização da diplomacia cultural: o centralizado sob o controle do governo, o das agências autônomas não-governamentais, e o misto.

No primeiro modelo, a diplomacia cultural é diretamente controlada pelos Ministérios dos Negócios Estrangeiros ou do Ministério das Relações Exteriores, por meio de suas embaixadas, cada qual com seus departamentos culturais e, ligados à eles seus centros culturais. O Centro Cultural da Índia, diretamente ligado ao Conselho Indiano de Relações Culturais, é um excelente exemplo deste modelo.

No modelo das agências autônomas não-governamentais, os Ministérios responsáveis pela Diplomacia Cultural delegam a sua implementação por meio de financiamento de outras entidades, institutos e fundações. Temos como exemplo de modelo de institutos culturais a Alliance Française, o British Council, o Instituto Cervantes

e o Instituto Goethe. Embora autônomos, essas agências não governamentais seguem as diretrizes do planejamento estratégico feito pelos seus respectivos governos. Por último, temos o modelo misto, em que tanto os Ministérios quanto as agências não-governamentais atuam em nome do governo estrangeiro.

1.3 Os centros culturais estrangeiros como agentes culturais

As nações que possuem um planejamento estratégico de sua Diplomacia Cultural mantêm centros culturais de seus países nas principais cidades do mundo. O objetivo desses centros é fomentar a cultura nacional dentro de um país estrangeiro, em todos os seus aspectos e formatos. Após o mapeamento dos centros culturais descrito no capítulo 2, percebe-se que os centros mais enxutos oferecem aulas de língua, dança e gastronomia, enquanto os institutos maiores chegam a ter bibliotecas especializadas, recebem exposições de arte e mostras de cinema e realizam amplos projetos culturais, conectando-se com a rede local de produtores culturais.

Seriam então esses centros e institutos agentes culturais estrangeiros em território nacional? Ou apenas espaços culturais que recebem eventos e apoiam projetos de seus consulados e embaixadas?

Para responder essas perguntas é preciso, antes de tudo, entender o conceito de agente cultural. Embora muitos pesquisadores tenham se debruçado sobre o tema, suas definições variam e podem ser vistas à luz de múltiplas teorias.

Sandra Pedroso (2014) realizou um levantamento bibliográfico dos principais conceitos e definições sobre a atuação do agente cultural. Para Marcondes Neto (2006), por exemplo, o agente cultural ou produtor cultural é “a embreagem entre o criador primeiro e o público alvo”. Ou seja, o agente cultural é o mediador entre os artistas, aqueles que produzem cultura, e o seu público. Já Teixeira Coelho (2004), um dos maiores estudiosos brasileiro do fazer cultural, define o agente cultural como

aquele que se envolve com a administração das artes e da cultura criando as condições para que outros criem ou inventem seus próprios fins culturais. Atua mais junto ao público do que próximo ao produtor cultural. Ou seja, faz a ponte entre a produção cultural e seus possíveis públicos.

Ou, ainda, pensando no caráter simbólico da atuação do agente cultural:

O agente cultural será um profissional capaz de entender os mecanismos de atuação em grupo que possibilitem a esse grupo o exercício da criatividade (ao invés de castrá-lo para isso, como acontece com frequência) e capaz de conhecer a natureza e possibilidades das linguagens e equipamentos culturais de que se servirá (COELHO, 2006, p. 57).

Por último, Pedrosa elenca as principais atividades do agente cultural segundo as funções determinadas por Roberto Corrêa Cobas Costas (apud Pedrosa). Embora Costas tenha estudado a atuação do agente como atuação profissional individual, podemos emprestar as funções que também podem ser exercidas por organizações e órgãos diplomáticos, que são:

- criar e organizar projetos e produtos artístico-culturais;
- estabelecer metas e estratégias;
- planejar, organizar e divulgar projetos e produtos culturais de toda natureza;
- promover a integração entre criação artística e gerência administrativa na produção de espetáculos, produtos audiovisuais, obras literárias;
- atuar na curadoria e organização de mostras, exposições e festivais em diversas áreas artísticas;
- contribuir nas ações de preservação e revitalização do patrimônio cultural.

Mais do que as funções administrativas, a atuação de um agente cultural está diretamente ligada ao de ação cultural, que pode ser definida como a “criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas inventem seus próprios fins e se tornem assim sujeitos - sujeitos da cultura, não seus objetos” (COELHO, 2006, p. 14).

Neste breve panorama da conceituação de agente cultural e ação cultural, pode-se entender que os centros de cultura estrangeiros podem sim ser estudados como agentes culturais e atores que produzem ações culturais dentro das cidades onde estão localizados.

2. Cartografia dos centros culturais internacionais na cidade de São Paulo

Durante o levantamento de centros culturais estrangeiros, percebeu-se que, embora praticamente todas as Embaixadas (localizadas em Brasília) e Consulados (na cidade de São Paulo) organizem em maior ou menor grau uma ala cultural apoiadora e disseminadora de sua cultura nacional, poucos países de fato possuem centros culturais organizados como parte de sua Diplomacia Cultural.

No modelo da diplomacia cultural direta, encontramos cinco países: Índia, China, Coréia do Sul e Itália são as nações que mantêm centros culturais ativos na cidade diretamente ligados aos seus governos nacionais ou órgãos diplomáticos. A China deve ser citada como exceção aqui, já que as atividades do Instituto Confúcio são voltadas exclusivamente para o ensino do Mandarim. É interessante notar os esforços da República Popular da China em se unir a uma universidade pública estadual, a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), que possui *campi* em diversas cidades do Estado de São Paulo, para oferecer aulas da língua para estudantes, empresários e comerciantes.

A China é, atualmente, um dos mais importantes parceiros comerciais do Brasil, e a língua se configura como uma enorme barreira cultural. Não à toa, o Instituto Confúcio tem como parceiro uma universidade do porte da UNESP: ali se formam, todos os anos, futuros gestores de empresas, empreendedores e líderes em diversos campos econômicos que muito se beneficiariam do conhecimento da língua para os seus negócios.

Outros países, no entanto, se utilizam do modelo de diplomacia cultural indireto, no qual disponibilizam recursos financeiros por meio de institutos e/ou fundações com objetivos acadêmicos e sem fins lucrativos, como a França, por meio da Aliança Francesa, a Alemanha, pelo Instituto Goethe, a Espanha, com o Instituto Cervantes, e o Japão, com a Fundação Japão.

Alguns centros culturais estrangeiros são exemplos muito interessantes de parceria entre órgãos diplomáticos, empresas privadas e instituições nacionais. O Centro Brasileiro Britânico, em Pinheiros, é um centro complexo que abriga instituições ligadas à cultura, educação, lazer e comércio britânicos. Idealizado pela Cultura Inglesa,

instituição acadêmica de ensino da língua, o Centro abriga o Consulado Geral Britânico, a Câmara Britânica de Comércio, a British Broadcasting Corporation (BBC), o British Council, o Visit Britain e a British Society São Paulo.

Tanto nos modelos de Diplomacia Cultural direta como indireta, as atividades culturais realizadas e apoiadas são diretamente ligadas ao ensino da língua e ao fomento das artes plásticas, cinema, dança, esportes, gastronomia, teatro e literatura nacionais.

É digno de nota um caso de modelo de diplomacia cultural diferente dos tradicionais encontrado durante o mapeamento dos centros culturais estrangeiros, como regiões inteiras do globo que estão se manifestando juntas. Estamos falando do Instituto de Cultura Árabe (Icarabe), uma organização civil independente, mas apoiada pela Câmara de Comércio Árabe-Brasileira (representante dos dezesseis países árabes que fazem parte da Liga dos Estados Árabes), que tem o objetivo de disseminar e fortalecer a cultura árabe no Brasil. Ou seja, é uma organização cultural importante para a Diplomacia Cultural dos países árabes, mas que surgiu diretamente da sociedade civil.

Como podemos ver nesse trecho retirado da apresentação do Instituto em seu site:

A ideia de criação do Instituto da Cultura Árabe surgiu a partir de acontecimentos que marcaram o início do novo milênio. Desde o 11 de setembro de 2001, o mundo observou ataques ainda mais intensos a tudo o que fosse de origem árabe e relacionado a essa milenar cultura. Criou-se uma atmosfera de discriminação dos valores de toda uma civilização, o que culminou com crescente difusão de imagem negativa dos árabes. (Fonte: <http://www.icarabe.org.br/>)

É interessante notar que o Instituto de Cultura Árabe tem como objetivo claro trabalhar a imagem da cultura árabe no Brasil como um todo, e não especificamente de um país, como os centros culturais vistos anteriormente. E que esta necessidade surgiu de uma crise de imagem do Islã e da cultura árabe gerada pelos atentados terroristas do 11 de setembro 2001 e pelos posteriores conflitos entre países árabes e ocidentais que foram desencadeados desde então.

Além do Icarabe, foram encontrados outros centros culturais estrangeiros oriundos e mantidos pela sociedade civil. Em geral, esses centros culturais representam países de onde vieram um grande número de imigrantes para o Brasil e, em sua maioria, foram fundados por imigrantes e seus descendentes. Pode-se citar, como exemplo, a Associação Húngara, a União Cultural Tcheco Brasileira, o Centro Cultural Brasil Turquia

e a Sociedade Croatia Sacra Paulistana. Estes centros oferecem atividades ligadas à língua, dança e gastronomia, mas também são responsáveis por oferecer eventos de relacionamento entre os membros de sua própria comunidade. Muito raramente trabalham com questões relacionadas a turismo. Alguns desses centros, embora não diretamente ligados às atividades diplomáticas do seu respectivos países, recebem apoio dos órgãos diplomáticos para atividades específicas, como cursos de língua, e patrocínio de eventos.

Um outro tipo de centro cultural estrangeiro também foi identificado durante o mapeamento: o centro de cultura estrangeira fundado por pesquisadores e acadêmicos da cultura de um determinado país, como é o caso da Areté Centro de Estudos Helênicos, que estuda a língua grega moderna, entre outras atividades culturais relacionadas.

3. A Ásia e a Europa no Brasil: o Centro Cultural da Índia e o Instituto Goethe

Para analisar a presença estrangeira no fomento da cultura na cidade de São Paulo, foram selecionados dois centros culturais em atividade hoje: o Centro Cultural da Índia (ICC) e o Instituto Goethe (Alemanha). As motivações para a escolha desses centros foram as seguintes:

- cada centro está ligado a um país de diferentes regiões do globo: Ásia e Europa;
- cada centro apresenta um modelo diferente de diplomacia cultural. Enquanto o ICC é um centro de cultura diretamente subordinado ao Ministério de Relações Exteriores da Índia, atuando no Brasil como braço cultural do Consulado Geral da Índia no Brasil, o Instituto Goethe é uma agência autônoma da diplomacia cultural alemã;
- cada centro tem tamanhos diferentes e possuem projetos culturais de variadas complexidades, representando estágios diferentes das relações internacionais e Diplomacia Cultural entre seus países de origem e o Brasil.

Juntamente com os depoimentos fornecidos pelas as equipes de gestão cultural de cada um dos centros, buscou-se analisar com mais profundidade a história de cada um destes centros e os principais projetos culturais em ação.

3.1 Indian Cultural Center (ICC)

Ao todo, a Índia mantém 36 Indian Cultural Centers espalhados pelo globo. Embora a maior parte se encontre na Ásia, grandes cidades européias possuem centros em funcionamento, como Berlim, Cairo, Londres, Moscou e Praga. Também existem centros na Austrália, México e África do Sul. Na América do Sul São Paulo é a única cidade que aparece na lista. É interessante notar que desses 36 centros, apenas três são ligados a consulados e não a às embaixadas (São Paulo sendo um deles), os três localizados em cidades que não são as capitais federais, mas que justificam sua escolha pela importância econômica e cultural que possuem.

O Centro Cultural da Índia em São Paulo, ou ICC (do inglês Indian Cultural Center), foi fundado em 25 de maio de 2011 com o objetivo de desvendar a rica herança cultural do país, além de promover intercâmbios culturais entre o Brasil e a Índia. O Centro foi criado diretamente pelo Governo da Índia, por meio de seu órgão diplomático na cidade de São Paulo, o Consulado Geral da Índia.

Segundo o site oficial do consulado:

A criação do Centro é uma iniciativa importante do Governo da Índia, em consonância com a alta prioridade que atribui às suas relações bilaterais com o Brasil. Dará à Índia a presença cultural no Brasil como um importante impulso e constitui uma importante dimensão na parceria amigável entre os dois países. (Fonte: <http://cgisaopaulo.in>)

O ICC foi criado com o objetivo de se tornar a ala cultura do Consulado Geral da Índia em São Paulo. Embora, desde a sua fundação, o Centro tenha recebido dois diretores indianos que faziam parte do corpo diplomático da Índia no Brasil, hoje a sua equipe responde diretamente para a Cônsul Geral na cidade, a Senhora Abhilasha Joshi.

O Centro de São Paulo, assim como outros de igual modelo espalhados pelo mundo, é administrado pelo Conselho Indiano para as Relações Culturais (ICCR), um órgão independente do Ministério das Relações Exteriores da Índia exclusivamente orientado para realizar a gestão da Diplomacia Cultural do país. Seu lema, ainda segundo o site do Consulado Geral, é “promover o intercâmbio intercultural, levando a Índia ao mundo e trazendo o mundo à Índia.”

Pode-se perceber que o ICC é um representante clássico da Diplomacia Cultural do tipo direta, na qual os centros são controlados e mantidos pelos Ministérios dos Negócios Estrangeiros ou das Relações Exteriores dos seus governos.

O casarão que o Centro ocupa fica no bairro Jardim Paulista, região nobre e próxima de um dos mais importantes centros culturais da cidade, a Avenida Paulista, onde também se localiza o Consulado. O sobrado de três andares conta com um escritório administrativo, uma biblioteca, uma ampla sala de aula, uma cozinha didática e um auditório com palco.

As atividades regulares do Centro incluem duas turmas de Yoga com duração de dois anos (uma turma de iniciantes e outra mais avançada) e cursos de três estilos de dança indiana clássica: Kathak, Bharatnatyam e Odissi. As aulas são dadas tanto por professores brasileiros quanto por indianos. O Centro já contou com aulas regulares do idioma Hindi que estão descontinuadas no momento, mas existem planos se serem retomadas.

Além dos cursos regulares, o ICC realiza workshops e palestras diversas, com temas como meditação, ensino de mantras, espiritualidade, cultura indiana e turismo. Mensalmente, são oferecidas oficinas abertas de culinária indiana com instrutores nativos e apresentações culturais como shows de dança e música, além de sessões de cinema com filmes indianos.

O Centro também tem papel fundamental no fomento do turismo para a Índia, já que, por meio de agências de turismo parceiras, organiza grupos de excursão e oferece pacotes especiais para os seus frequentadores.

O ICC trabalha também com organizações culturais de São Paulo. Exemplos de ações do tipo são a Virada Zen, da qual o Centro participou com diversas atividades e workshops, e o Holi - Festival das Cores. Para o Dia Internacional da Yoga, o Centro uniu esforços com o Serviço Social da Indústria de São Paulo (SESI) e a Prefeitura de São Paulo, realizando práticas de Yoga abertas ao público na Avenida Paulista e no Parque Ibirapuera. Eventos pontuais também já foram organizados com a Unibes Cultural e com o Serviço Social do Comércio (SESC).

Assim como artistas indianos passam por lá para apresentações, o Centro também oferece suas instalações para que grupos, artistas e estudiosos brasileiros realizem atividades e promovam ações que beneficiem as relações Índia-Brasil.

O acervo da biblioteca também apoia profissionais e estudiosos do Brasil em suas pesquisas em diversos âmbitos relacionados à Índia.

Mantido apenas com recursos do Conselho Indiano para as Relações Culturais, todas as atividades do Centro são gratuitas e abertas ao público em geral.

3.2 Goethe-Institut

O Goethe-Institut faz parte de uma consolidada política de intercâmbio cultural internacional promovido pela República da Alemanha. A sede do Instituto se localiza na cidade de Munique. No Brasil, além de São Paulo, o Goethe-Institut possui unidades nas cidades de Curitiba, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador.

O Instituto Goethe foi fundado em 1951 como a instituição sucessora da Deutschen Akademie (DA) e com o objetivo principal de formar professores estrangeiros na língua alemã. Após um tempo, passou a oferecer também cursos de língua alemã para alunos de diversos níveis de conhecimento. Foi na virada para a década de 60, no entanto, que todos os centros culturais da Alemanha em outros países se uniram e passaram a fazer parte do escopo de atuação do Instituto. Ou seja, o Goethe se tornou oficialmente responsável por promover a cultura alemã pelo mundo. Hoje, a entidade possui cerca de 150 unidades que promovem milhares de ações culturais por ano.

O próprio Goethe se declara como o instituto cultural de âmbito internacional da República Federal da Alemanha. Seu estatuto é de uma instituição sem fins lucrativos e autônoma para gerenciar seus próprios recursos. No entanto, a Instituição é ligada ao Governo Alemão, e dois terços de seu orçamento são custeados pelo Auswärtiges Amt, o Ministério do Exterior do país. Isso é, o Goethe é um caso de Diplomacia Cultural indireta.

Na seção de tarefas e objetivos do site da Instituição, lê-se que:

Promovemos o conhecimento da língua alemã no exterior e o intercâmbio cultural internacional. Transmitimos uma imagem abrangente da Alemanha através de

informações sobre a vida cultural, social e política em nosso país. Nossos programas culturais e educacionais promovem o diálogo intercultural e permitem a participação cultural. Fortalecem o desenvolvimento de estruturas da sociedade civil e promovem a mobilidade global. (Fonte: <https://www.goethe.de/ins/br/pt/index.html>)

Logo em seguida, encontram-se os objetivos específicos do Instituto no Brasil:

- a atualização da imagem da Alemanha no Brasil;
- a apresentação da cultura alemã contemporânea;
- a inserção da língua e da cultura alemãs no sistema educacional brasileiro.

É interessante notar que o Instituto coloca como primeiro objetivo a atualização da imagem da Alemanha no Brasil, que é descrita com mais detalhes a seguir:

Desenvolvemos iniciativas de atualização, ênfase e mudança das imagens da Alemanha. Nesse contexto iniciamos, organizamos e fomentamos projetos, que transmitem e aprofundem uma imagem diferenciada da Alemanha. (Fonte: <https://www.goethe.de/ins/br/pt/index.html>)

Diferentemente do que observamos do Centro Cultural da Índia, o Instituto Goethe tem forte objetivo de trabalhar a imagem do país no exterior, e o faz por meio da promoção da cultura nacional e do ensino da sua língua.

O Goethe-Institut de São Paulo fica no bairro de Pinheiros, em um edifício histórico próximo à Praça Benedito Calixto, no casarão que antigamente funcionava o convento das freiras da Igreja do Calvário. Além do magnífico prédio histórico, o Instituto tem localização privilegiada, já que tem acesso pela própria Praça, pela Rua Lisboa e pela Rua Cardeal Arcoverde.

A primeira atividade foco do Instituto Goethe é o ensino da língua alemã. São promovidos diversos cursos regulares, tanto voltados para pessoas interessadas em aprender alemão, quanto para professores que desejam se aperfeiçoar no estudo da língua. Como complemento dos cursos, são aplicados os mais importantes exames de proficiência na língua. As aulas de alemão são pagas e subsidiam apenas as atividades ligadas ao próprio departamento, como formação de professores e matérias didáticas. Além dos cursos presenciais, são oferecidos cursos na Alemanha e cursos online.

O fomento do intercâmbio acadêmico é também um dos pilares do Instituto, que dá suporte, informações e assessoria para interessados em estudar na Alemanha, com lista de universidades nacionais e divulgação de programas de intercâmbio do governo alemão.

Para dar suporte a tudo isso, uma biblioteca composta não apenas de livros na língua alemã, mas de revistas, material audiovisual e uma filmoteca com filmes alemães que estão à disposição do público.

No setor cultural, o Instituto Goethe possui uma série de programas culturais co-criados pelo Instituto e por produtores locais, patrocinadores e apoiadores. Hoje, os projetos em atividade são o Episódio do Sul, Para onde?, Goethe na Vila, Future Perfect, Visita em Casa, Autoren am Ball, 180 segundos na cidade e Visões do futuro. O Goethe na Vila, em especial, é um programa de residência artística intimamente conectado com a rede paulistana de produtores culturais.

Na área da cultura, o Instituto possui uma revista com artigos de reflexões culturais tanto do Brasil quanto da Alemanha, e um blog é mantido pela Instituição com o objetivo de diminuir a distância entre os dois países. O Goethe também apoia e lança diversas publicações e livros relacionado à cultura.

Cursos de breve duração, palestras, seminários de diversos temas, assim como eventos de cinema, música, dança, teatro, artes plásticas e literatura são organizados pela equipe de produtores brasileiros, chamados pelo Instituto de Ortskraft (ou força local).

Como Instituto sem fins lucrativos, o Goethe pode buscar apoiadores e parceiros para seus projetos. Além de empresas alemãs, organizações como o Centro Cultural São Paulo, a Prefeitura da Cidade de São Paulo, a Casa do Povo, o SESC, entre muitos outros, já apoiaram, patrocinaram e colaboraram com seus projetos culturais.

4. Interculturalidade

A interculturalidade é um conceito que permeia os estudos da Diplomacia Cultural. Diferentemente da multiculturalidade, que define as sociedades nas quais culturas diversas convivem com ou sem conflito, a interculturalidade diz respeito ao relacionamento e à troca entre os grupos.

Néstor Canclini (2005) entende a interculturalidade como um contraponto à multiculturalidade. Segundo o autor, enquanto o multiculturalismo reflete a coexistência e o conflito entre diversas culturas que se justapõem dentro de uma sociedade, a interculturalidade exige que essas culturas se confrontem e se entrelaçem.

Sociedades multiculturais são compostas por grupos diversos representativos de culturas diferentes. Esses sistemas heterogêneos tendem a assimilar as culturas de grupos culturais e étnicos minoritários, processo de uniformização que utiliza como base os valores e preceitos da cultura dominante.

Por isso a importância da interculturalidade na busca do diálogo e do intercâmbio entre os povos, processo que se dá de forma intencional, com o objetivo de formar uma nova cultura à partir desses laços. Isso significa que a interculturalidade exige que o relacionamento entre grupos diferentes seja horizontal e sinérgico, sem que uma cultura domine ou canibalize a outra, mas que os grupos trabalhem juntos para a construção de uma cultura mista.

Como fim, a interculturalidade busca a tolerância, o respeito mútuo e a integração entre povos à partir do aprendizado das diferenças. A ideia não é apagar ou diminuir essas diferenças culturais, mas sim sua aceitação e normalização. É, portanto, um fator essencial para a harmonia e a paz entre os povos.

Segundo Gilberto Ferreira da Silva, a

(...) educação intercultural é um processo tipicamente humano e intencional coerente dirigido à organização do desenvolvimento das habilidades e competências referentes, em primeiro lugar à diferença, à peculiaridade e à diversidade dos povos, e, em segundo à própria identidade cultural dos demais e a das comunidades, de forma que resulte uma cultura mestiça ou de síntese (2001, p. 130).

A partir desse panorama, percebe-se que os centros culturais estrangeiros não são apenas locais de construção e representação de suas culturas nacionais, mas também espaços para que a população local possa vivenciar culturas diferentes das quais estão imersas e conectar-se com outros povos. Podemos dizer então que esses centros têm como papel fundamental promover a educação intercultural por meio dos seus projetos culturais, já que não apenas promovem suas respectivas culturas, mas buscam a integração com a cultura local.

Embora seja parte de um órgão diplomático exclusivamente voltado para a Diplomacia Cultural, o Centro Cultural da Índia não funciona apenas como um disseminador de informações turísticas e/ou promoção de atividades culturais específicas. Observa-se um movimento do Centro ao encontro dos agentes culturais locais e iniciativas de se conectar com a rede cultural da cidade. As ações promovidas pelo Centro estão, aos poucos, saindo de dentro do casarão, e passando a ocupar espaços públicos de excelência, com atividades gratuitas na Paulista Aberta e em parques públicos, engajando outras entidades culturais e pequenos produtores independentes a produzir juntamente com o Centro. Além de oferecer seu espaço para que artistas e fazedores culturais promovam ali ações de interesse mútuo.

A interculturalidade do Instituto Goethe tem seu ponto forte no programa Goethe na Vila. Este programa é moldado de forma semelhante aos outros programas da instituição: ele é pensado pela sua equipe de produtores brasileiros, mas organiza toda uma rede de apoiadores e produtores parceiros para sua materialização. E após ser lançado, chama a comunidade artística de São Paulo para participar e tomar à frente do projeto, co-criando junto com os seus idealizadores e organizadores.

O Goethe na Vila é um programa de residência artística que se dá dentro da Vila Ipororó, importante patrimônio arquitetônico e cultural da cidade, localizada no Bixiga. A ideia é que o instituto disponibilizasse um espaço dentro da Vila para que artistas selecionados se revezem e mostrem seus trabalhos. A seleção foi feita por meio de um chamamento público, que resultou em mais de 200 trabalhos inscritos.

Um tema orientava a proposição dos trabalhos:

As propostas deveriam abordar e problematizar desde as políticas do espaço, a relação centro-periferia, o processo de gentrificação até narrativas singulares e a maneira como

o espaço compõe uma dinâmica urbana global e ampla. Além disso, os selecionados deveriam propor pelo menos um evento aberto, gratuito e que fomentasse a circulação do público pelo espaço Goethe na Vila. (Fonte: www.goethe.de/ins/br/pt/index.html)

Pode-se observar que o Instituto Goethe é uma entidade que não apenas surge de uma consolidada e organizada política de Diplomacia Cultural promovida pela Alemanha, mas que é um modelo a ser seguido no que tange a interculturalidade. Embora mantido por um governo estrangeiro, cada unidade é responsável por produzir cultura local, articulando uma complexa rede de parceiros, captando recursos com patrocinadores e apoiadores, tanto do poder público quanto do privado, engajando produtores culturais independentes, coletivos artísticos e artistas, e chamando a comunidade a criar algo novo, ocupar espaços públicos da cidade e disseminar os trabalhos gratuitos por meio de eventos gratuitos.

Considerações Finais

O estudo da atuação dos centros de cultura estrangeiros mostra uma grande conexão com os estudos da interculturalidade, uma vez que ela propõe uma ação organizada e planejada de diálogo e intercâmbio cultural, que é vista no planejamento estratégico da Diplomacia Cultural das nações que aqui mantêm estes centros.

Percebe-se que os estudos da interculturalidade têm dentro da Diplomacia Cultural na cidade de São Paulo um rico campo de estudo, não apenas na área dos estudos culturais, mas também das Relações Internacionais e das Relações Públicas Governamentais. Os centros estrangeiros não são apenas espaços físicos dedicados à promoção cultural, fragmentos de território estrangeiro dentro da cidade, porém isolados do seu entorno, mas fomentadores de práticas culturais que engajam agentes locais e forças regionais governamentais ou não, com um objetivo que foge da lógica econômica ou política e gera frutos para ambos os povos envolvidos.

Os centros acabam assim, não sendo apenas ferramentas das Diplomacias Culturais de seus países de origem, mas ferramantas da interculturalidade entre os povos, papel extremamente importante em um momento histórico de globalização e

integração nunca antes alcançado, mas onde os conflitos entre as nações se tornam cada vez maiores e mais potentes.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Ruy Pacheco de Azevedo. O ano do Brasil na França : um modelo de intercâmbio cultural. Tese apresentada no LII CAE (Curso de Altos Estudos) do Instituto Rio Branco como requisito para progressão funcional em 2007. Brasília : Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

CANCLINI, Néstor García. Consumidores e cidadãos : conflitos multiculturais da globalização. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005

COELHO, Teixeira. Dicionário crítico de política cultural, São Paulo: Editora Iluminuras, 2004.

COSTAS, Roberto Corrêa Cobas. Produção Cultural e Captação de Recursos. Disponível em: <<http://www.lenderbook.com/cultural/index.asp>>. Acessado em: 27 de fev 2017.

CUNHA, Maria Helena Melo da. Gestão Cultural: profissão em formação, Belo Horizonte: Duo Editorial – 2007.

MONTIEL, Edgr. Diplomacia Cultural: Un recurso para la política exterior en esta era intercultural. Libros Peruanos. Disponível em: <<http://www.librosperuanos.com/articulos/edgar-montiel2.html>>. Acessado em: 7 de fev 2017.

NETO, Manuel Marcondes Machado. Marketing para as artes: a evolução do conceito de marketing cultural e a importância deste campo de atuação para o profissional de Relações públicas. Revista Organicom, 2006.

PEDROSO, Sandra Helena. O produtor cultural e a formalização de sua atividade. Revista Pragmatizes. Ano 4, número 7, semestral, setembro 2014. Disponível em: <<http://www.pragmatizes.uff.br/revista/index.php/ojs/article/view/73>>. Acessado em: 4 de abril 2017.

SADDIKI, Said. El papel de la diplomacia cultural en las relaciones internacionales. Revista CIDOB D'Afers Internacionals, número 88, Barcelona, 2009.

SILVA, Gilberto Ferreira. Do multiculturalismo à educação intercultural: estado dos processos identitários de jovens da escola pública a Região Metropolitana de Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/800/1/tese.pdf>>. Acessado em: 29 de jan 2017.

Sites:

<<http://www.icarabe.org.br/>>. Acessado em: 25 de mar 2017.

<<http://cgisaopaulo.in/>>. Acessado em: 25 de mar 2017.

<<https://www.goethe.de/ins/br/pt/index.html>>. Acessado em: 25 de mar 2017.

Anexos

Anexo I – Entrevista com Rafael Espadine, produtor cultural do Indian Cultural Center

1. Há quanto tempo o centro existe?

O Centro Cultural da Índia, ou ICC como chamamos pela sigla em inglês, foi fundado em 25 de maio de 2011.

2. Ele é subordinado à qual órgão diplomático da Índia?

O Centro é braço do ICCR – Indian Council for Cultural Relations, fundado em 1950 pelo primeiro Ministro da Educação da Índia independente, Sr. Maulana Abul Kalam Azad.

3. Qual os principais objetivos da atuação do centro?

O objetivo do centro é disseminar cultura indiana de forma autêntica por meio de fontes do próprio país, bem como apoiar profissionais e estudiosos do Brasil em suas pesquisas em diversos âmbitos relacionados à Índia. O Centro também funciona como o espaço de eventos oficiais do Consulado e Embaixada da Índia.

4. Quais são as principais atividades fomentadas pelo Centro?

O centro oferece diversas atividades gratuitas. Anualmente oferecemos cursos em três estilos de dança clássica indiana e um de Yoga. Mensalmente oferecemos oficinas abertas de culinária indiana com instrutores nativos e apresentações culturais como shows de dança e música e sessões de cinema com filmes indianos. Semanalmente palestras e oficinas sobre turismo na Índia, cultura indiana, espiritualidade, meditação, etc. O Centro também celebra todos os maiores festivais indianos com apoio de brasileiros e comunidade indiana.

a. Quais atividades são pagas e quais são gratuitas?

Todas as nossas atividades, sejam de longa ou curta duração, são gratuitas.

5. Qual o público-alvo dessas atividades? Vocês têm uma média de quantas pessoas passam pelas atividades do centro por ano?

Há uma grande variedade de público dada a variedade de atividades e temas oferecidos e a frequência pode variar drasticamente de acordo com o envolvimento do público com cada atividade.

6. O Centro é mantido por recursos financeiros apenas do órgão de diplomacia indiana?

Sim, o centro funciona apenas com verba do Governo da Índia.

7. Já foram realizados eventos ou atividades em parceria com:

a. Produtores culturais independentes que atuam em São Paulo? Se sim, quais?

Produtores e revistas especializadas como a Nowmastê que organizam eventos de cultura alternativa como “Virada Zen”, ou a Verdi produções que realiza o evento Holi festival das cores são exemplos de produtores independentes.

b. Centros culturais públicos ou administrações municipais / governamentais de São Paulo? Se sim, quais?

Governo do Estado de São Paulo e da Cidade de São Paulo e órgãos culturais associados

c. Empresas privadas? Se sim, quais?

Sesi, Sesc e Unibes são Paulo são bons exemplos.

8. Recursos humanos: as pessoas responsáveis por desenhar os projetos e atividades culturais são brasileiras ou dos órgãos de diplomacias? São formados na área cultural?

A maior parte dos eventos tem concepção original do ICCR, mas há os dois perfis, tanto diplomatas indianos quanto funcionários locais que podem criar e gerir eventos do

Centro. Muitos eventos são criados e executados por iniciativa dos funcionários do próprio Centro Cultural da Índia, por exemplo.

1. Há quanto tempo o Instituto existe?

O Goethe-Institut surgiu em 1951, como a instituição sucessora da Deutschen Akademie (DA). No início, o Goethe-Institut tinha apenas a função de fornecer formação para professores estrangeiros. Apenas entre 1959/1960 o Goethe-Institut passa a se incumbir também de funções culturais.

2) Ele é subordinado à algum órgão diplomático da Alemanha?

Auswärtiges Amt, ou Ministério das Relações Exteriores da Alemanha. Os recursos financeiros provêm de órgãos diplomáticos da Alemanha e das atividades pagas realizadas pelo Instituto. As aulas de alemão também subsidiam as atividades realizadas pelo Instituto – porém o comum é que os cursos subsidiem apenas as atividades ligadas ao próprio departamento, como formação de professores e materiais didáticos.

3) Qual os principais objetivos da atuação do Instituto?

Divulgar todas as formas de cultura alemã no Brasil, incentivo ao estudo e trabalho na Alemanha e dar suporte a projetos especiais dos órgãos de diplomacia alemãos.

4) Quais são as principais atividades fomentadas pelo Instituto?

Palestras, seminários, cinema, eventos musicais, viagens, cursos de línguas e outros de breve duração, ligados por exemplo à sustentabilidade. Há também cursos internacionais online gratuitos no formato MOOC sobre produção cultural, curadoria, etc. Contamos também com residências artísticas musicais (Massa Revoltante) ou de temas variados (Goethe na Vila), lançamento de livros e publicações, festas no estilo “portas abertas”, entre outras.

a) Dessas atividades, quais são pagas e quais são gratuitas?

A maior parte das atividades são gratuitas. Se pagas, é devido à demanda de contratos terceiros de nossos convidados, demanda de um parceiro específico ou custo muito alto.

5) Qual o público-alvo dessas atividades? Vocês têm uma média de quantas pessoas passam pelas atividades oferecidas pelo Instituto por ano?

O público-alvo é bastante amplo, pessoas interessadas em cultura de forma geral. A média de visitantes nos eventos é difícil de calcular devido à diversidade das programações anuais, contendo eventualmente projetos de maiores ou menores porte.

6) Já foram realizados eventos ou atividades em parceria com:

a) Produtores culturais independentes que atuam em São Paulo? Se sim, quais?

Para alguns projetos os produtores independentes são contratados de maneira freelancer, embora não seja uma prática recorrente.

b) Centros culturais públicos ou administrações municipais / governamentais de São Paulo? Se sim, quais?

Sim, o Goethe-Institut trabalha bastante com parcerias. O projeto Goethe na Vila, por exemplo, está sendo realizado em parceria com a prefeitura. O projeto “Enquanto isso” que pensou formas de ocupação dos espaços públicos com atividades culturais também. Há ainda projetos realizados em parceria com a Bienal de São Paulo e museus da cidade. Já houve parceria com o CCSP, Casa do Povo, SESC.

c) Empresas privadas? Se sim, quais?

Não é frequente. A Lanxess contribuiu para o projeto Zona da Mata ano passado.

7) Recursos humanos: as pessoas responsáveis por desenhar os projetos e atividades culturais são brasileiras ou dos órgãos de diplomacias? São formados na área cultural?

Os produtores culturais são chamados de Ortskraft (força de trabalho local) e são brasileiros. Os diretores são alemães.